

CÁSSIA ÁVILA DUARTE

INTUIÇÃO: UMA REFLEXÃO SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA
IMAGINAÇÃO NA PROMOÇÃO DA RESILIÊNCIA

São Paulo, 2010.

CÁSSIA ÁVILA DUARTE

INTUIÇÃO: UMA REFLEXÃO SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA
IMAGINAÇÃO NA PROMOÇÃO DA RESILIÊNCIA

Monografia de conclusão de Pós
Graduação apresentada á
Pontifícia Universidade Católica
de São Paulo, como requisito
parcial para obtenção do título de
Especialista em Psicopedagogia,
sob a orientação da Dra Eloisa Q.
Fagali .

São Paulo, 2010.

Dedico esse trabalho à minha família que me apoiou durante toda minha jornada acadêmica, em especial ao meu marido que sempre acredita em cada passo que dou em minha vida, me incentivando sempre a ir além.

Agradecimentos

A todos que participaram de forma direta ou indireta na realização desse trabalho, em especial a duas grandes especialistas na área de Arteterapia que disponibilizaram seu tempo para contar sobre suas ações, que enriqueceram muito essa pesquisa: Vera Ferreti e Ana Alice Francisquetti

E à professora Eloisa Fagali, por me incentivar a realizar a pesquisa sobre esse tema, que me trouxe muitos conhecimentos e por me auxiliar no decorrer da construção desse trabalho.

Resumo

Essa pesquisa teve como objetivo refletir sobre os benefícios do trabalho com o despertar da imaginação, utilizando como recurso a Arteterapia, na promoção da resiliência, com pessoas que vivem em situações adversas, difíceis de serem superadas, possibilitando uma maior qualidade de vida.

O foco maior desse trabalho são as crianças com necessidades especiais, considerando que estas apresentam limitações ou vivem em situações difíceis com maior frequência, podendo criar percepções distorcidas de suas reais possibilidades e bloquear o seu potencial criativo, dificultando, assim, uma possível superação.

Nessas reflexões, integradas à prática, procuro também mostrar como o trabalho de desenvolvimento da imaginação propicia o fortalecimento do sujeito, que passa a utilizar o seu potencial criativo e transformador para elaborar estratégias para lidar com as situações difíceis.

Palavras chave: Intuição, Imaginação, Criatividade, Arteterapia e Resiliência.

Índice

Introdução	7
Cap.1.Tipos Psicológicos e estilos cognitivo- afetivos	9
Cap. 2. Reflexões sobre Intuição	12
2.1Diferentes enfoque sobre intuição.....	12
2.2 Conceituação de Jung sobre intuição.....	16
2.3 Reflexões Psicopedagógicas sobre os estilos cognitivo afetivos e o traço intuitivo.....	19
Cap 3. O despertar do imaginário	22
3.1 Contribuições da Arteterapia.....	24
3.2 Arteterapia e a abordagem Junguiana	28
Cap 4. História da Arteterapia e suas contribuições para o trabalho com os portadores de necessidades especiais	32
4. 1 Integração da Arteterapia com outras linguagens expressiva, no contexto de saúde.....	33
Cap 5 . Resiliência.....	35
5.1Definições Gerais	35
5.2 Relevância no Brasil	37
5. 3 Relações sobre Intuição e Resiliência.....	39
5.3.1 Uma combinação possível	39
Cap 6 Reflexões sobre experiências Vividas e reflexões com entrevistadores	40
Considerações Finais.....	50
Bibliografia	52

Introdução

A vida é um constante movimento, apresentando-se dinâmica e mutável, no entanto, no decorrer dela nos deparamos com diversas situações que não estávamos preparados para vivenciar, algumas mais tranquilas de lidar, outras muito difíceis de serem superadas.

Cada pessoa apresenta uma forma de reagir a essas situações, algumas já nascem em contextos conflituosos, com poucas condições de sobrevivência, nesse caso aprendem a lidar com essas circunstâncias e desenvolvem estratégias para superá-las.

Esses casos são bastante comuns dentre os portadores de necessidades especiais, pois além de precisarem aprender a conviver com suas limitações e diferenças, ainda precisam lidar com inúmeros preconceitos e com as condições do meio em que vivem, normalmente pouco propícias para se levar uma vida normal.

Diante disso, as pessoas que se deparam com essas circunstâncias precisam utilizar-se da imaginação e da criatividade, potenciais humanos que, acompanhados de maior consciência da situação, energia emocional e atitude de superação, possibilitam a transformação do sujeito diante da adversidade ou situações de carência.

Esse potencial criativo humano, característica do estilo Intuitivo, se origina dos erros, problemas, doenças, perturbações, conflitos, crises, fracassos, separações, desgraças e catástrofes vivenciadas, e propicia a transformação bem sucedida dessas situações conflituosas que fazem parte de nossas vidas. Essas situações nos despertam consciência e possibilitam o desencadeamento de alternativas geradoras de ações criativas ou mudanças construtivas, que impulsionam a regeneração diante de situações-limite da vida, que ajuda a amadurecer e crescer.

Com isso, a Intuição e a Resiliência são conceitos que podem ter vários pontos em comum, pois a primeira conta com a imaginação e criatividade, com

potenciais de transformação, criação de possibilidades, ir além do que é possível e a segunda conta com a capacidade de se proteger diante de fortes pressões, superando as adversidades para conquistar seu bem estar.

Nesse contexto a Arteterapia vem, como processo terapêutico, auxiliar na recuperação, no desbloqueio e aumento das capacidades criativas, através de diversos meios de se expressar. De forma que, com a ação criativa, o sujeito encontra possibilidades de expressão, reconhecendo e revelando o mundo interno e inconsciente.

Esse estudo foi realizado para refletir sobre a importância do trabalho de desenvolvimento da Intuição e suas contribuições para o fortalecimento das pessoas diante das situações adversas que aparecem no decorrer da vida. As reflexões destacam os estilos cognitivo afetivos com características intuitivas (Fagali 2001) inspirados nos estudos sobre tipos psicológicos de Jung, ressaltando os traços e desenvolvimentos cognitivos e afetivos que favorecem a intuição e possibilitam maior desenvolvimento da resiliência, por meio do processo de imaginar e de criar.

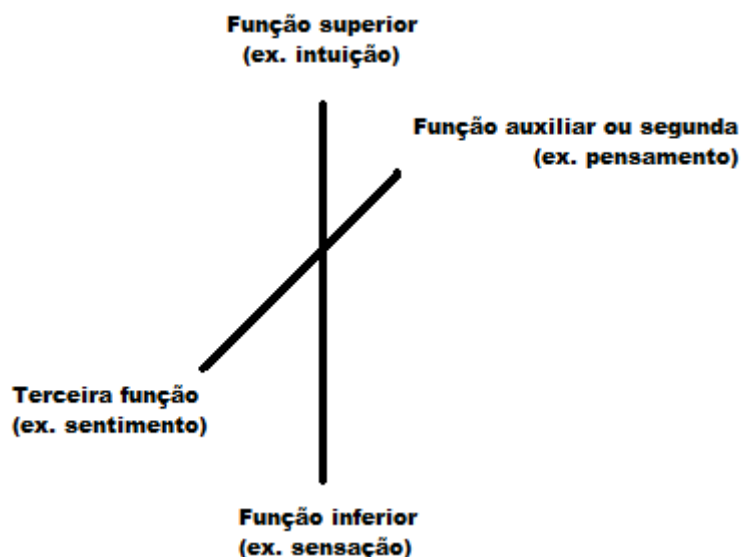
Cap.1.Tipos Psicológicos e estilos cognitivo- afetivos

Jung começou a falar sobre as tipologias por volta de 1913, mas apenas em 1921 publicou sua obra “Tipos Psicológicos”, propondo que cada um desenvolve um tipo psicológico, ou seja, a sua maneira de “apreender o mundo” (Jung, 1921, p.206).

Jung caracteriza a sua tipologia, descrevendo duas atitudes -introvertida e extrovertida- e quatro funções da consciência – pensamento lógico, sentimento, percepção e intuição.

As atitudes definem como o sujeito se relaciona conscientemente com o outro, ambas estão presentes nas pessoas, sendo uma delas a dominante. Na forma extrovertida o sujeito se move do “eu” para o “objeto”, tendo uma maior facilidade de lidar com o outro, já o introvertido se move do objeto para o “eu”, dependendo mais da iniciativa do outro. Jung diferenciou as funções da consciência em racionais: pensamento e sentimento, e irracionais: percepção e intuição, sendo opostas entre si.

Jung chama de função superior ou de primeira a função dominante, a mais desenvolvida, denomina como segunda função ou função auxiliar a segunda melhor desenvolvida, que auxilia a função superior. A terceira função é caracterizada por ser o par da segunda função, auxiliando-a sempre que necessário, já a quarta função ou função inferior é a menos desenvolvida no sujeito, mais voltada para o inconsciente, sendo o par complementar e oposto da função superior. No entanto, a função superior define as demais funções em relação a serem racionais ou irracionais, a superior e a auxiliar definem sobre que funções ocuparão as demais. Com isso, ao sabermos a função superior, automaticamente saberemos qual é a inferior e vice-versa. Veja a imagem esquemática:



A função pensamento é caracterizada pela manifestação das razões lógicas, adquiridas através de dados e fatos reais, tem como subsídio o pensamento abstrato-teórico, realizando deduções lógicas com muita eficácia. Estão sempre buscando definições, explicações racionais, relações de causa-efeito, desvalorizando, muitas vezes, a subjetividade, as experiências vividas e as particularidades. Na atitude introvertida se manifesta com forte habilidade teórico-mental, elaborando explicações de fenômenos através de pesquisas. No movimento extrovertido tem melhor desenvolvido as deduções lógicas, podendo contribuir para a ampliação de teorias explicativas.

A função sentimento é movida pela razão das emoções, utilizando o julgamento moral para agir, buscando a subjetividade e a particularidade das coisas. Demonstra interesse pelas coisas relacionadas à sua vida ou das pessoas com quem possui vínculos, tende a utilizar mais a inteligência emocional, a inteligência interpessoal e intrapessoal. Na atitude introvertida esse estilo se manifesta com grande capacidade de autocrítica e auto-análise. No movimento extrovertido a pessoa tem facilidade na criação de vínculos e sensibilização com a situação do outro, demonstrando empatia.

O estilo perceptivo-sensorial se manifesta através da concretização das ações, buscando objetividade nos fatos, apresenta as habilidades de descrever e sistematizar os fatos muito bem desenvolvidos. Utiliza-se com muita eficácia a inteligência cinestésica, tem grandes necessidades de realizar, fazer,

manipular e aplicar seus conhecimentos. Na manifestação introvertida tende a focar nas próprias sensações cinestésicas corporais, já no movimento extrovertido observam as propriedades perceptivas do objeto.

A função intuitiva é caracterizada pela captação da realidade que ocorre através da imaginação e da fantasia, onde o sujeito tem as impressões do objeto que vão além das sensações. Sua manifestação é através da busca de novidades que ultrapassam a sua realidade atual. Na atitude introvertida é manifestada através das grandes viagens introspectivas, que afastam o intuitivo da realidade. Na atitude extrovertida tende a ser manifestada através da criação do que é inédito e aplicação do novo.

Com isso Jung definiu as diferentes formas de se relacionar com o mundo e lidar com a aprendizagem, podendo ser estabelecidas diferentes combinações entre os tipos psicológicos (pensamento, sentimento, percepção e intuição) e as atitudes (introvertida e extrovertida) chegando a oito formas diferentes. Mas enfatiza que esses foram os estilos que conseguiu perceber nas suas pesquisas, mas acredita que ainda podem existir outros, embora não tenha conseguido encontrar.

A psicopedagoga Eloisa Fagali, inspirada nos tipos psicológicos de Jung define tendências de aprendizes com base nas características dos tipos psicológicos, denominando de estilos cognitivo-afetivos. Esse trabalho irá enfatizar o estilo intuitivo cujas características associam-se ao poder de imaginar e à capacidade cognitiva de buscar diferentes possibilidades de ser, aprender e superar as dificuldades. Esta capacidade de superação pela imaginação pode ser associada à resiliência, de forma que exista uma combinação possível entre estes fatores que possibilitam a superação nas pessoas diante de situações adversas, quando esta usa a intuição. Mas, como definir intuição?

Cap. 2. Reflexões sobre Intuição

2.1 Diferentes enfoques sobre intuição

Entre muitos autores que definem e refletem sobre a Intuição, esse capítulo irá destacar algumas conceituações mais significativas que associam a imaginação à arte.

Arnheim (1904) que desenvolveu estudos sobre percepção e artes define a intuição como propriedade particular da percepção:

“A intuição é limitada à percepção, porque, na cognição, só a percepção atua por processos de campo”. (Arnheim, 1904, p.14)

Acredita que a intuição partilha de todo ato cognitivo, tanto no campo da percepção como do raciocínio, por ser caracterizada como responsável de qualquer capacidade mental que não fosse considerada intelectual.

Para ele a exploração intuitiva, dos elementos oferecidos perceptivamente, é responsável pelo desenvolvimento do sujeito em relação ao conhecimento do meio ambiente e a sua orientação dentro dele. No entanto, a intuição é capaz de levar o sujeito a qualquer lugar, por fornecer estrutura geral de uma situação e determinar o local e a função de cada elemento que constitui o todo.

Arnheim acredita que “é psicologicamente falso supor que nada é visto além daquilo que estimula a retina dos olhos (...), pois o simbolismo vai até mesmo além daquele que a melodia visual nas figuras de primeiro plano”, ou seja, que é possível ver além do que as imagens propõem em primeira instância, basta se utilizar alguns dos artifícios da intuição, como as impressões e a imaginação. “(Arnheim, 1904, p. 7-8)

Ele questiona a baixa valorização dada à intuição pela maioria dos educadores, por acreditarem que está apenas relacionada às artes, poesia ou música. A intuição muitas vezes é considerada como algo divino ou hereditário, difícil de ser ensinada. Mas poucos sabem que a intuição é uma das

ramificações fundamentais e indispensáveis do conhecimento que necessita de um sério esforço cognitivo.

René Descartes, apesar de dar destaque ao processo lógico racional (penso logo existo) define a intuição, em sua obra “Regras para a conduta do espírito” (1628), como a faculdade mental mais confiável da mente, pois acredita que a intuição é mais simples que a dedução, porém mais precisa.

Platão o filósofo que se aprofundou no que denominava de “mundo das idéias” acreditava que a Intuição era o mais alto nível da sabedoria humana, por proporcionar a visão das essências transcendentais de uma forma mais direta, responsáveis pelos fatos da nossa experiência.

Henri Bergson (In Wild, 1938, p. 3), define a intuição como algo independente da função mental, sendo o pensamento o problema da intuição, por limitá-la a informações reais e lógicas. Acredita que a principal doutrina da intuição é a mudança, o movimento em busca de algo mais essencial.

Eduardo Carmello (2000), com um enfoque mais prático e contemporâneo, define a intuição como um “processo interior no qual os dados e informações são sintetizados” (p.100). Acredita que com o treinamento da atenção, percepção e memória é possível criar estratégias para tomar decisões adequadas e pressentir tendências, aplicando o potencial intuitivo e criativo. Ele diz que a Intuição faz parte do ser humano desde a sua origem, sendo que na infância a pessoa encontra-se mais suscetível para receber informações intuitivas, pois na medida em que crescemos a habilidade da intuição vai diminuindo, por não sermos educados e estimulados a prestar atenção em nossa visão e voz interiores, aprendemos a desacreditar no que não seja visível, palpável ou provado pela ciência. Sendo assim, as pessoas vão se tornando mais racionais, deixando de valorizar as sensações, percepções e impressões.

Carmello (2000) menciona que as informações intuitivas não se manifestam, na maioria das vezes de forma convencional, através da fala e da escrita, mas principalmente por meio de sinais e símbolos. Para ele intuição

encontra-se no intervalo entre um pensamento e outro, tendo origem na percepção e resposta imediata ao inesperado. Sendo que a partir do treino de realizar associações ou conexões o sujeito utilizará melhor o seu potencial criativo e a sua inteligência. Também sugere que os jogos de associações e analogias são importantes para desenvolver a intuição, mas que os de atenção e percepção são essenciais para se despertar o que as pessoas já a tem em sua essência. O referido autor (2000) cria um acróstico para melhor exemplificar sua idéia sobre como fazer “aparecer” a essência intuitiva que já existe nas pessoas:

A ssociações

P ercepções

A tenção

R eceptividade de sinais

E ntusiasmo

C onfiança

E xtremo interesse

R elações / analogias

Com isso acredito que a intuição conduz as pessoas a perceberem algo que existe em sua essência, que sabem muito mais do que é visto e que tem todas as respostas necessárias, pois enquanto a lógica não estiver correta, as informações se mostrarem confusas, o planejamento não estar correndo como esperado e as transformações ocorrerem rápido demais, é possível contar com a Intuição.

Considerando os tipos psicológicos, o intuitivo é visto como alguém com capacidades de pressentir futuros e decifrar sinais, munido de quatro grandes valores básicos: criatividade, agilidade, flexibilidade e inovação

Para Benedetto Croce (In Wild,1938, p.123) existem dois tipos de conhecimento: a intuição, através da imaginação e imagens ou a lógica, a partir da utilização do intelecto e conceitos. Ele afirma que sem atividade não se

adquire conhecimento, dessa maneira o intelecto precisa da intuição por ela oferecer subsídios de representações, impressões e articulações, indispensáveis para a aquisição do conhecimento.

Whitehead (In Wild, 1938, p.82) acredita que a linguagem é insuficiente para expressar uma infinidade de fatos e elementos existentes na vida dos filósofos, dessa forma defende a intuição por proporcionar subsídios para a criação, indo além do que é palpável e existente. Wild (1938) apresenta suas definições e descrições sobre a intuição:

- ❖ É como uma sensação, distinta da percepção, é a mais primitiva função mental.
- ❖ É uma forma de pensamento que vem antes ou em sincronia com a sensação, pode ser considerada como um sentimento especial ou uma qualidade de espírito.
- ❖ Pode ser uma percepção que envolve um processo de interpretação, diferente da sensação.
- ❖ Vai além da percepção, por perceber todos os diferentes aspectos de determinado fato ou objeto, tendo uma visão global.
- ❖ É um método não intelectual de se obter conhecimentos, utilizando-se da sensibilização, através do sentimento e emoção. (Wild ,1938, p. 211)

A partir das definições de Wild pode concluir que a Intuição está integrada a todas as outras funções cognitivas afetivas mencionadas por Jung (percepção, pensamento, sentimento), pois tanto se utiliza delas para sobreviver (quando é a função superior), quanto ajuda as outras funções quando a lógica, a emoção e a percepção não dão conta de resolver determinado problema (quando é a função auxiliar).

2.2 Conceituação de Jung sobre intuição

Para Jung a Intuição é uma função da percepção inconsciente, representada por certa atitude de expectativa, de contemplação e penetração, utilizando-se dessas atitudes para construção de um processo ativo e criador, em que o sujeito transfere inconscientemente para o objeto essas sensações, mas retira dele inúmeras possibilidades, também de forma inconsciente.

A intuição fornece imagens e impressões das relações com o objeto, carregadas de conhecimentos específicos com influências sobre o agir. Tem uma visão futurista, valorizando demasiadamente objetos ou objetivos que lhe proporciona liberdade, uma nova descoberta ou resolução para dado problema.

Quando a intuição é a função subordinada, se esforça, de forma automática, na resolução de um grande problema que as outras funções não conseguiram encontrar saída.

O intuitivo nunca se encontra em situação estável, está sempre em busca de novidades e do que lhe promete futuro. A vida exterior se torna uma espécie de prisão, onde ele se sente engessado, preso e oprimido, por esse motivo o intuitivo está sempre na busca de saídas e novas possibilidades. Uma situação que em um dado momento era uma libertação para o intuitivo, em pouco tempo se torna uma prisão, logo o que lhe contentava já não é suficiente e seu novo objetivo é se libertar da situação atual para expandi-la ainda mais.

O pensar e sentir, elementos indispensáveis para a construção de opinião sobre determinado fato ou objeto, para o intuitivo não tem peso nas suas tomadas de decisões, são inaptos para interferir na força da intuição. Mas são especialmente essas funções que podem compensar a falta de julgamento presente nesse estilo cognitivo. A moral do intuitivo não se baseia no intelecto, nem no sentimento, ele tem a sua própria moral, relacionada às suas fortes impressões, preocupando-se prioritariamente consigo mesmo.

Através de suas pesquisas Jung pode perceber que a intuição, assim como os outros tipos psicológicos, é dividida em dois tipos: extrovertido e introvertido.

Na atitude extrovertida o intuitivo se volta totalmente aos objetos exteriores, para isso é necessário que se tenha uma repressão da sensação, pois a sensação é exclusivamente o que sentimos através dos sentidos do corpo, o intuitivo tem a sensação, mas não se norteia através dela, pois essa é apenas o ponto inicial para as suas impressões.

Por se voltar aos objetos externos o intuitivo extrovertido direciona suas forças, normalmente, para as profissões que lhe possibilitam desenvolver suas variadas capacidades ao máximo. Profissões de sucesso desse estilo são: empresários, políticos, agentes, etc.

Entre as mulheres o estilo extrovertido é mais freqüente, mas suas potencialidades se desenvolvem mais no campo social do que no profissional. Tem uma enorme aptidão de desenvolver as capacidades das pessoas, encorajando-as e entusiasmando-as a buscar novas soluções ou possibilidades.

O intuitivo extrovertido tem faro aguçado para o novo e diante de uma nova possibilidade se fixa nela com “força fatídica” (Jung, 1875-1961, p. 349), como se estivesse começando uma nova vida, sente como se fosse uma virada definitiva na sua história, mesmo que essa nova situação seja contrária às suas convicções anteriores. Mas assim que se sente aprisionado nessa situação, abandona tudo diante de uma nova possibilidade.

Quando o intuitivo vive intensamente essas novas possibilidades em que se depara, renunciando a tudo que já havia conquistado em outras circunstâncias, pode se prejudicar muito, além de nunca encontrar a estabilidade. Na ocasião que o intuitivo chega nessa situação, tem o seu próprio inconsciente contra si mesmo.

Na atitude introvertida, o intuitivo se volta para os objetos internos do inconsciente, esses elementos se comportam para a consciência da mesma maneira que os objetos exteriores na atitude extrovertida, constituindo uma realidade psíquica.

Jung explica que para o intuitivo introvertido “os *objetos interiores parecem à percepção intuitiva imagens subjetivas de coisas que não se encontram na experiência externa, mas que constituem os conteúdos do inconsciente*” (Jung, 1875-1961, p. 375).

Enquanto na atitude extrovertida a sensação é extremamente reprimida, na atitude introvertida a sensação tem seu fator subjetivo, sendo de suma importância, pois o intuitivo utiliza-se dessa sensação apenas para agir imediatamente, mas vai além da sensação, buscando visualizar outros aspectos dos fatos, percebendo o que provocou o acontecimento de determinada situação.

Segundo Jung (1875-1961), assim como o intuitivo extrovertido busca novas possibilidades nos objetos externos, o introvertido “vai de imagem em imagem, correndo atrás de todas as possibilidades do seio gerador do inconsciente, sem estabelecer a conexão do fenômeno consigo mesmo.” (Jung, 1875-1961, p.377), farejando o novo, sem preocupar-se com o que acabara de construir ou conquistar.

O intuitivo em sua primazia tem um grande afastamento da realidade evidente, não sendo entendido até pelas pessoas mais próximas. Podendo ser um artista, transpassa em forma de arte sua percepção muito peculiar das coisas, diferente do que as pessoas costumam se deparar. Não sendo artista, torna-se um gênio incompreendido, vistos como “uma espécie de sábio meio louco” (Jung, 1875-1961, p. 378).

A partir das definições de Jung foi possível perceber os diferentes aspectos cognitivos do estilo intuitivo e suas relações com o outro, as formas de perceber o meio em que vive, expressar suas descobertas, aprender e lidar com as pessoas.

2.3 Reflexões Psicopedagógicas sobre os estilos cognitivo afetivos e o traço intuitivo

Eloisa Fagali (2001), a partir das idéias sobre as formas de contatar e processar o conhecimento de Gardner (Inteligências Múltiplas), Golleman (Inteligência Emocional) e Jung (Tipologia Cognitiva), realizou suas reflexões sobre a natureza destes processos do aprender, diferenciando-os e buscando novas associações através das práticas Psicopedagógicas.

Dessa Forma, define a intuição como um processo que está presente na vida do sujeito em todos os ciclos da sua vida, tendo uma evolução própria de acordo com os estímulos que recebe, podendo ser mais ou menos desenvolvida.

Fagali (2001) diz que *“a intuição se apóia nas formações de imagens espontâneas que surgem anteriores a qualquer elaboração analítica” (p.91), ou seja, a intuição se antecipa aos fatos, pois é ela que dá subsídios para um pesquisador deduzir algo e através disso buscar explicações teóricas para explicar determinado fato, pois toda investigação científica se inicia em uma espécie de pressentimento intuitivo.*

Através de suas experiências dentro da área da intuição, Fagali concluiu que a intuição se assemelha com um processo subconsciente primário, não sendo possível controlá-la pelas situações de laboratório. E complementa que *“esta intuição é sintetizada de elementos sensoriais e discretos (percepções subliminares), cuja percepção e síntese acontecem abaixo do limiar da consciência”.* (Fagali, 2001, p. 92)

Define o sujeito intuitivo como uma pessoa que gosta de lidar com as hipóteses e possibilidades, tendo o imaginário e a capacidade de fantasiar muito desenvolvidos, que sempre busca novidades, está sempre atento as transformações do futuro e busca o que está além do que costuma vivenciar. Costuma ser visto como desatento e sonhador, tendo uma visão global e sintética dos elementos, perdendo o foco no detalhe.

Fagalli questiona o fato de a intuição ser pouco estudada e valorizada nas reflexões cognitivas e de aprendizagem por muitos educadores e especialistas de diferentes áreas, que acreditam ser pelo intelecto a única forma de adquirir o conhecimento, desconsiderando as demais formas. Também menciona que a intuição tem o seu valor próprio e que é indispensável na aquisição de diversos conteúdos, em que a lógica não dá conta.

Na aprendizagem o intuitivo tende a buscar o diálogo com as imagens e a livre associação, para processar os conteúdos, busca constantemente a transformação, ampliando assim, seu repertório de conhecimentos. Diante de situações de conflito o pensamento intuitivo se apóia na captação do todo, por “insight”, utilizando-se da livre associação, a partir de analogias, metáforas e o imaginário.

Segundo Fagalli, as pessoas que usam demasiadamente a função intuitiva podem negar a realidade, exagerando na fantasia e na imaginação. Na manifestação mais introvertida, as pessoas são mais introspectivas, afastando-se do outro e da realidade atual. Na situação mais extrovertida costumam buscar o inexistente e o imaginário, indo além daquilo que já é reconhecido e buscando um contato mais próximo com o outro.

Fagali (2000), criou um quadro síntese estabelecendo as relações das teorias de Jung sobre os estilos cognitivos e as especificidades da aprendizagem do estilo intuitivo:

Questões da Aprendizagem	Intuitivo
Memória	Vaga, global, de forma contextualizada, se apegando ao todo. Imagem sem detalhamento, buscando apenas a essência. Evocação por metáforas, imagens, símbolos.
Atenção	Panorâmica, ou seja, descentrada. Sintética, pegando a essência do todo, além das mensagens subliminares que levam a ampliação do sentido explícito.
Motivação	Busca o novo, o misterioso, o inexplicável, o absurdo.

	Utilizando as associações livres para a criação de novas possibilidades. Precisa de variação, não gosta da rotina.
Raciocínio	Por múltiplas conexões, em blocos ou rede. Em algumas situações, com dificuldade de organizar na linguagem verbal, com conexões telepáticas de inconsciente para inconsciente por metáforas. Com facilidade de captação simultânea e sincrônica dos fatos, por insight instantâneo, todo articulado e processado inconscientemente.
Expressão	Através de símbolos e metáforas, relacionando elementos. Poesias, em que permanece o suposto, nem sempre com antes e depois, parecendo desarticulado, abrindo brechas.
Relação afetiva	Vividas através da fantasia, do imaginário. Captando algo que está “escondido” através das possibilidades. É bastante tolerante e sabe esperar.
Defesas	Cria mundos paralelos, utilizando-se do excesso de fantasia para sair de uma situação ameaçadora, podendo negar a realidade, desenvolvendo posturas esquizóides.

Com isso foi possível entender a especificidade do estilo Intuitivo nos seus diferentes aspectos, além de perceber que o sujeito aprende de acordo com as suas estruturas cognitivas, sua relação com o meio, aspectos desenvolvidos no decorrer da sua vida, experiências vividas, entre outras. Sendo assim, o trabalho torna-se mais centrado ao seu modo de perceber e contatar o meio em que vive. A característica predominante deste estilo intuitivo é a capacidade de imaginar. Como compreender este processo da imaginação?

Cap 3. O despertar do imaginário

A imaginação é o ato em que o poder sensitivo interno se apropria, forma, associa e utiliza a imagem recebida procedente da sensação produzida por cada um dos sentidos externos, isto é, a capacidade de criar “imagens” em torno de determinado fato, idéia ou conceito. A imagem é uma semelhança do real, um sinal pelo qual se reconhece e se identifica o objeto sensível na realidade concreta.

O físico Albert Einstein confirma que em suas descobertas tiveram 2% de conhecimento e 98% de imaginação. Charles Baudelaire, um dos precursores do simbolismo, acredita que a realidade verdadeira encontra-se apenas nos sonhos.

Verena Kast (1997) estabelece um diálogo sobre a imaginação e a intuição, afirmando que a imaginação, utilizando-se das suas capacidades de representar, criar fantasias, idealizar, pode ajudar a entender o mundo como um todo e a prever o que poderá acontecer em diferentes circunstâncias, com isso, mobiliza a intuição. Dessa forma a intuição seria um processo de compreensão e descoberta, mediada pela imaginação que visa o futuro.

A habilidade da imaginação possibilita a criação de imagens (que podem ser determinadas por cores ou formas, ou por memória evocativa através dos órgãos sensoriais), de algo que pode ter existido ou nunca existiu, nem existirá, mas também pode ser de cunho mais intelectual. A habilidade da representação humana aparece melhor manifestada nas artes, literatura, música, mas também nos pontos mais altos do intelecto, através das hipóteses científicas. É possível perceber que a imaginação e a representação estão sempre juntas, pois uma se alimenta da outra para poder exercer a sua função.

Para Kast, a imaginação poder ser considerada como um espaço de liberdade, sendo assim, um local para transformações, manifestações criativas, busca de possibilidades, ansiedade pelas novidades e vontade de experimentá-las. Esse desejo de experimentar é manifestado pelo diálogo, que devido à ansiedade pelo novo pode gerar um desequilíbrio entre o diálogo com

o mundo real e com o mundo da imaginação, estabelecendo um distanciamento da realidade.

A imaginação, é um fator de extrema importância para o processamento de informações e emoções das pessoas, pode ser utilizada, de forma consciente ou não, para solucionar problemas do dia-a-dia ou criar outras realidades que nos pareçam mais interessantes do que a realidade em que se vive.

Além disso, a liberdade imaginativa proporciona ao ser humano o poder de pensar em algo inexistente, projetá-lo e visualizá-lo mentalmente antes de concretizá-lo, propiciando a invenção de instrumentos, a realização de intervenções e a busca de conhecimentos que facilitem o seu cotidiano.

Jung (1946-1955, In Kast, 2007, p. 24) diz que a imaginação ativa nos proporciona a busca das imagens interiores, definindo essa busca como um método de individuação, através da intensificação do imaginário, indo além do que é possível ver e sentir. Com essa imaginação é possível a criação de realidades que proporciona a quebra das barreiras da realidade concreta em busca do novo, através dos “insights” intuitivos. No entanto a imaginação intuitiva nos possibilita novas vivências e construções, intensificando as possibilidades de aprender e conhecer.

Eccles (1982, In Kast, 1997, p. 23) diz que juntamente com a inteligência, a imaginação é uma habilidade indispensável do nosso cérebro, em que não aprendemos a imaginar, apenas desenvolvemos mais ou menos essa habilidade , pois a imaginação já existe na essência humana, sendo assim, nunca a perdemos.

Bachelard (1960,1978, In Kast, 1997, p. 24) acredita que as pessoas são agentes imaginativos, capazes de utilizar a imaginação para construir um mundo para si mesmo, podendo tornar-se mais poéticas.

Corbin (1958, In Kast, 1997, p. 24) acredita que a imaginação criativa é uma “mediadora entre o visível e o invisível, entre o físico e o espiritual”, possibilitando através da imaginação, a crença do ser humano em algo divino.

A imaginação é uma habilidade pouco desenvolvida nas pessoas após a infância, pois começam a ser educadas para lidar com o mundo real, se adequando a ele. Essa educação poderia ser de forma inversa, ensinando o sujeito a conhecer o mundo real e a tirar dele novas possibilidades de viver com saúde, aproveitando todas as circunstâncias positivas que nele podemos encontrar.

O exercício da imaginação, normalmente, é atribuído aos artistas, poetas, ficcionistas de forma inapropriada, mas a imaginação representa uma virtude que pode ser desenvolvida pelo constante exercício, pois, segundo Kast, ao ampliar a nossa imaginação passamos a utilizá-la com mais consciência.

Fagalli, considerando a possibilidade criadora do imaginário e da intuição, propõe possibilidades de como desenvolver o imaginário, através da busca da totalidade e da generalidade; da livre associação; do envolvimento com imagens surrealistas e futuristas; busca de novidades; elaboração de hipóteses; diálogo com a fantasia; jogo de associações e de estimativa; uso de metáforas e da arte nas expressões; diálogo com personagens místicos, monstros, fantasmas; detectar as diferentes possibilidades que estão ao redor. Nas suas pesquisas e práticas psicopedagógicas a autora ressalta as contribuições da arteterapia, por possibilitar o mergulho no imaginário.

3.1 Contribuições da Arteterapia

A Arteterapia é uma forma de linguagem que permite a pessoa comunicar-se com os outros, possibilitando tanto a liberdade de expressão quanto a resistência da autonomia, ampliando o seu conhecimento sobre o mundo e proporcionando o desenvolvimento social e emocional.

Dessa forma, a Arteterapia utiliza a Arte como subsidio no trabalho de expressão, de comunicação e de linguagem, possibilitando a troca de energia e sensações entre o criador e o elemento criado. A Arte ajuda no

desenvolvimento da criatividade, expandindo os meios de comunicação entre as pessoas.

Toda pessoa que se depara com situações de sofrimento, seja físico ou psíquico, apresentam uma grande necessidade de manifestar essa criação.

A Arteterapia, de acordo com diversas conceituações, é considerada como um processo terapêutico decorrente da utilização da arte.

Francisquetti (2004) apresenta três definições de arte que podem estar presentes na atuação do aprendizado terapêutico: “A Arte como fazer, como conhecer ou como exprimir. Essas diversas concepções ora se contrapõem, se excluem, ora se combinam de varias maneiras.” (p.17). Com isso é possível ver a arte como um auxilio para que as pessoas possam explorar, descobrir e entender suas idéias e sentimentos, possibilitando a expressão , favorecendo a sua auto-estima, reduzindo as ansiedades e melhorando a qualidade de vida.

Ela acredita que a Arteterapia possibilita o cuidado com as pessoas em todos os seus aspectos – neurológico, cognitivo, afetivo e emocional – propiciando a melhoria das funções egóicas – percepção, atenção, memória, pensamento, capacidade de previsão, exploração, execução, controle da ação.

Segundo Artee (1998), a arte é a representação da vida e um recurso mediador de interação entre pessoas e através dela, o homem pode se aproximar de um dos maiores patrimônios da humanidade, criar e recriar através da linguagem e da emoção.

Osório (In Artee, 1998) propõe que a arte é algo pessoal e único, que possibilita a expressão da linguagem e do inconsciente. Dessa forma esclarece que a arteterapia é uma prática terapêutica que trabalha com a intersecção de diversos saberes, como educação, saúde, arte e ciência, resgatando a dimensão integral do homem, conquistando a promoção, a prevenção e a expansão da saúde.

Philippini (2000), acredita que a arteterapia auxilia na aquisição , desbloqueio e na fortificação das capacidades criativas, contando com as diferentes formas de manifestação, possibilitando que cada pessoa consiga

adquirir e expandir o seu caminho , propiciando a expressão, fazendo-se conhecer e reconhecendo a si próprio, seu mundo interior e inconsciente.

Conforme Phillippini (2000, p.19):

“O símbolo tem uma função integradora e reveladora do eixo de si mesmo, entre o que é desconhecido-inconsciente individual e coletivo- e a consciência. O símbolo aglutina e corporifica a energia psíquica, permitindo ao indivíduo entrar em contato com os níveis mais profundos e mais desconhecidos do seu próprio ser e crescer com estas descobertas. O símbolo constelado com a ajuda dos materiais expressivos dinamiza e facilita a estruturação e transformação dos estados emocionais que lhe deram origem”.

Concluindo, a Arteterapia tem como foco de trabalho a reestruturação e reorganização mental da pessoa, direcionando mais para os processos individuais, para as emoções, questões e dificuldades de cada um, cuja ênfase está na subjetividade. Fundamenta-se em métodos de encorajamento e de liberação dos conflitos inconscientes dos clientes.

As intervenções, na arteterapia ocorrem no decorrer do processo de expressão, de forma sutil, propiciando o aprofundamento na essência do sujeito, sendo que ao final da produção a palavra possibilita uma melhor explanação das experiências subjetivas de forma mais profunda

O arteterapeuta apresenta funções essenciais, como propiciar ao sujeito a elaboração de significados de suas figuras mentais, de forma consciente e inteligível, além de aprender a lidar com todo esse processo. Nessa concepção a arteterapia tem preferência ao que é mais favorável dentro de sua área de aplicação, a vivência que o sujeito teve em seu interior: expressar, representar e concretizar conflitos e afetos.

A arteterapia abrange diferentes abordagens teóricas, dentre elas a Junguiana, gestáltica, analítica, comportamental, antroposófica, construtivista, etc. No Brasil as principais abordagens de trabalho com arteterapia são gestáltica e junguiana.

Sendo que a vivência da arte na Gestalt é definida pelo conjunto formado por: realizar formas artísticas, envolver-se emocionalmente nas formas que estão sendo criadas, como um evento individual e pessoal. Sendo papel do terapeuta observar essa produção percebendo tanto o que se passa na vida do sujeito naquele momento, como as alternativas possíveis de desenvolvimento da pessoa através do que ela propõe nas suas expressões, acreditando que a arte ajuda na recuperação da consciência pessoal.

A Gestalt tem uma preocupação com o dialogo e foca a criatividade, seus métodos enfatizam a aquisição e o aumento de percepção como fator importante para o desenvolvimento. Os pressupostos básicos dessa teoria são:

- ❖ Viver e estar consciente do presente;
- ❖ Estar completamente atento ao fazer;
- ❖ Saber o quer fazer e colocá-lo em ação;
- ❖ Confiar nas informações da própria percepção.

Nesse contexto, o trabalho de Arteterapia Gestáltica propõem lidar com esses processos, construindo imagens de varias formas, relacionando-as a sua realidade e, assim, descobrindo seus objetivos na vida, considerando o passado, o presente, os desejos e os projetos do futuro.

Na abordagem juguiana a arte passou a ser utilizada como parte do tratamento de seus clientes, sendo considerado o material artístico, a representação das imagens e os sonhos como uma simbolização do inconsciente individual e coletivo. Ele considerava a criatividade como uma função psíquica e natural da mente humana, responsável pela estruturação do pensamento.

Esse processo é decorrente dos símbolos presentes no conteúdo onírico (relativo aos sonhos), nas fantasias e nas diferentes expressões de arte. A partir da expressão através da arte e da verbalização, Jung acredita que o cliente apresenta possibilidades de organizar o seu caos interior.

3.2 Arteterapia e a abordagem Junguiana

Para Jung (1964), a Arteterapia proporciona o fornecimento de diversos materiais expressivos e adequados para a criação de símbolos presentes no universo da imaginação individual de cada cliente, universo carregado de produções simbólicas que retratam estruturas psíquicas internas do inconsciente individual e coletivo.

Sendo que o inconsciente individual corresponde às partes mais aparentes e o coletivo a partes mais aprofundadas desse universo, essas estruturas psíquicas estão presentes em todas as pessoas. Dessa forma a arteterapia proporciona recursos capazes de compreender e entender os níveis mais profundos do funcionamento psíquico.

As modalidades expressivas, ou seja, os recursos terapêuticos utilizados pela arteterapia tem propriedades inerentes e específicas, e cabe ao arteterapeuta construir um repertório de informações relativas a cada uma, com o intuito de adequar as modalidades expressivas e materiais a analogias e quadros clínicos atendidos.

Na abordagem junguiana, a arteterapia proporciona diversas técnicas de expressão - modelagem, construção, pintura, desenho, colagem-, que auxiliam na exteriorização e comunicação de símbolos constituintes do âmbito psíquico - sentimentos, emoções, desejos, fantasias, conflitos, sonhos, afetos -, possibilitando explanação, reconhecimento, resgate, reconstrução e transformação, restabelecendo áreas sem uso ou bloqueadas. Além disso, a arteterapia gera a liberdade de expressão e dá sustentação para a autonomia criativa.

Durante os atendimentos é possível utilizar diversas modalidades expressivas ou apenas uma, de acordo com o que for necessário, sendo que esta será intensificada à medida que o cliente conseguir explorar com mais facilidade suas possibilidades expressivas.

Os recursos mais utilizados na arteterapia são:

- ❖ Modelagem – Esse recurso trabalha bastante as questões sensoriais, devido ao toque das mãos e da organização tridimensional, podendo colorir sua obra após a secagem. Os materiais que possibilitam o desenvolvimento dessa atividade são argila, gesso, papel machê, massa de modelar, massa artesanal.
- ❖ Desenho – Auxilia na concretização de alguns pensamentos e exercita a memória, tem a função de ordenar, por estar ligado ao movimento e ao reconhecimento do objeto. Além disso objetiva a forma, a precisão, desenvolve a atenção, a concentração, coordenação espacial e Visio - motora.
- ❖ Pintura – A pintura possibilita o contato com as emoções, sentimentos, sensações, surgimento da sensibilidade, do gesto e da intuição. O escorrer da tinta propicia a sensação de liberdade, pois possibilita o movimento de soltura, de expressão e relaxamento. A técnica se limita aos suportes (superfícies), tonalidades e cores. Os materiais que enriquecem esse trabalho são tintas diversas (cola colorida, aquarela, tinta acrílica, guache) e suportes (papel, madeira e tecidos).
- ❖ Recorte/colagem – Essa técnica favorece o desenvolvimento da organização de estruturas através da junção e composição de formas, além disso, proporciona a organização espacial de forma simbólica. Os materiais necessários para a realização dessa técnica são jornais, revistas, caixas, madeiras, sucatas, papéis, materiais orgânicos (flores, folhas, casca de árvore, semente, areia), cola, tesoura, fita adesiva e durex.
- ❖ Construção – É uma atividade que desenvolve a organização tridimensional, por exigir o trabalho de edificação, estruturação, organização e elaboração. Para a utilização desse recurso é necessário madeira, sucatas, tecidos, arames, caixas, prego, grampeador, cola e fita adesiva.
- ❖ Teatro – O trabalho com essa técnica possibilita diversos tipos de comunicações simbólicas, devido à quantidade de textos e personagens. Além disso o ato de dramatizar propicia o contato com outros papéis, diferentes do que o cliente tem em seu cotidiano, podendo, através da representação, falar coisas que não diriam por si só. Para enriquecer

esse trabalho pode-se utilizar marionetes de vara, bonecos, fantoches, mascaras e sombras.

- ❖ Tabuleiro de Areia – Essa técnica proporciona ao cliente a criação de cenas tridimensionais em cenários dentro de uma caixa com areia. Pode-se usar água, miniaturas, sucatas, recursos orgânicos e caixas com tampa.
- ❖ Escrita Criativa – É um recurso em que o cliente pode escrever criativamente sobre os trabalhos artísticos que realizou durante o processo terapêutico. Nesse caso a preocupação é com a expressão de conteúdos do inconsciente e sua conseqüente reorganização interna. Para isso utiliza-se lápis, canetas e papéis.

Eloisa (In Francisquetti, 2005) destaca aspectos específicos de alguns elementos importantes de serem observados no trabalho com a arteterapia:

- ❖ Cor – esta associada a conotações religiosas e simbólicas, buscando a cura, a excitação, a expressão da alegria ou da tristeza, a vida, a morte e a harmonização.
- ❖ Recursos tridimensionais – possibilita o diálogo com o orgânico, o concreto, mobilizando as sensações cinestésicas e táteis.
 - o Barro – associa-se as origens, ao nascimento, possibilita a constante diferenciação de sentimentos, fantasias e significados.
 - o Pedra, madeira – possibilita a troca sensorial, buscando a força ao esculpir, além disso, nos remete a emoções associadas à agressão, à força, ao contato com a resistência.
- ❖ Representações figurativas – associadas a desejos, fantasias, identidades e projetos de vida.

Através da brincadeira simbólica, o sujeito pode experimentar outros papéis e situações, podendo vivenciar essa representação de forma intensa, tendo a possibilidade de retornar para a realidade, sem se perder ou se fixar na situação imaginada.

Nesse contexto a arteterapia tem como objetivo:

- ❖ Auxiliar no desenvolvimento da criança em todos os seus aspectos, através da estimulação física, sensorial e social;
- ❖ Propiciar a expressão dos sentimentos, angústias e tensões, buscando a reestruturação das estruturas subjetivas da criança;
- ❖ Promover a socialização, a combinação e integração da criança com o meio ambiente;
- ❖ Preparar as crianças para lidar com diferentes situações através de dramatizações, desenhos, etc.;
- ❖ Ajudar na construção da autonomia;
- ❖ Estimular a imaginação e a criatividade;
- ❖ Diminuir sua dor e desconforto físico, no caso de portadores de necessidades especiais.

Cap 4. História da Arteterapia e suas contribuições para o trabalho com os portadores de necessidades especiais

A Arteterapia, no Brasil, iniciou-se com um trabalho realizado pelo médico psicanalista Osório César, através do trabalho com expressões espontâneas utilizando, principalmente, técnicas de modelagem, desenho e artesanato com pessoas portadoras de necessidades especiais mentais, acreditando que ao fazer arte o sujeito alcançava a cura por si só, pois a arte propiciava uma forma de acesso ao conhecimento interior. Osório, em 1925, criou uma Escola Livre de Artes Plásticas dentro do hospital Juquiri – São Paulo, realizando exposições dos trabalhos dos pacientes e até publicando-os em livros.

Nise da Silveira, psiquiatra junguiana, trouxe um trabalho inovador de arteterapia para o Brasil, criando a Seção de Terapêutica Ocupacional no centro psiquiátrico Dom Pedro II – RJ.

Ela introduziu na sua prática terapêutica atividades de expressão espontânea, percebendo o potencial autocurativo através da necessidade de exteriorizar utilizando como subsidio a criatividade. Além disso, inseriu em seu trabalho a música, a dança e as representações dramáticas, possibilitando a aplicação de diferentes linguagens e imagens simbólicas para expressar desejos e emoções presentes em seu psiquismo. Em 1952 criou o Museu de Imagens do Inconsciente, que reúne trabalhos de modelagem, pintura e desenhos dos pacientes do hospital Dom Pedro II.

Através dessas e outras experiências mais recentes foi possível eu concluir que a Arteterapia permite o enriquecimento da combinação entre a Resiliência e a Intuição, trazendo contribuições significativas através das diversas modalidades expressivas. Estudos mostram que quando se obtém, efetivamente, sucesso no tratamento de crianças com necessidades especiais, através da expressão lúdica, é possível prevenir complicações e diminuir significativamente os efeitos negativos da deficiência, melhorando sua qualidade de vida.

4. 1 Integração da Arteterapia com outras formas de expressão, no contexto de saúde

No contexto da saúde nos deparamos com pessoas que passam as mais adversas situações em seu dia-a-dia, seja uma doença que veio ao nascer ou um incidente no decorrer da vida. Em ambas as situações o sujeito sofre ao ter que lidar com as suas condições e precisa se fortalecer e criar estratégias para sobreviver.

Diante disso, Fagali acredita que através da criação, utilizando a imaginação e a poesia, é possível resgatar a vitalidade, o prazer e o bem estar, que até então estava perdido devido às situações dolorosas.

“Esse processo de recriar, de resgatar o prazer do desprazer e de trabalhar com o renascer é muito facilitado e potencializado pelas mediações das expressões artísticas, em busca do movimento de “transitar” entre expressões plásticas, musicais, verbais (poesias e contos) e cênicas” (Fagali, in Arte Medicina, 2005, p.77)

Nessa abordagem a integração entre Arteterapia, Musicoterapia, Psicodrama e Abordagem Corporal no trabalho terapêutico, tem poder de cura, pois após o deslocamento imaginário entre as manifestações expressivas, o sujeito passa a expressar as suas sensações, percepções e sentimentos. Isso pode libertá-las da rigidez e dos aprisionamentos caracterizados como doenças.

Cada forma de expressão mencionada é carregada de forças que proporcionam a expressão, a diferenciação, a organização, a ampliação, e a transformação do sujeito, buscando na criação as possibilidades de ser.

A aprendizagem das transições, segundo Fagali (In Ciornai, 2004), nos desafia a descobrir novas possibilidades de criar diante de conflitos, pois cotidianamente estamos diante de uma infinidade de caminhos e direções. Com isso torna-se necessário o diálogo com a pluralidade, com as diversidades de linguagens expressivas e com as diferentes formas de processar e conhecer o mundo.

No entanto, a medida que transitamos de uma linguagem para outra (musical, visual plástica, corporal, literária e psicodramática), descobrimos novos sentidos e pontos de vista da realidade.

Nessa experiência de transição é possível exercitar a flexibilidade de descentrar de um elemento a outro, buscando um diálogo entre diversidade e constância, auxiliando-nos a lidar com as situações de transição em que vivemos constantemente.

O exercício de transitar entre as diferentes expressões artísticas, possibilita à pessoa a flexibilização, levando-as a descobrir novos caminhos, identidades e valores, ampliando sua consciência diante de conflitos e estagnações, desenvolvendo, assim, sua intuição.

No livro Arte Medicina, Fagali relata alguns trabalhos de transição entre as diferentes manifestações expressivas que realizou com adolescentes, um deles relata o quanto sentia necessidade de deslocar-se, de forma imaginária, de espaços para se libertar do ambiente onde só convivia com a doença, percebeu que através do trabalho de transição conseguia se deslocar de lugares que lhe davam angústia, para espaços que lhe davam prazer.

Em outro relato o adolescente mencionou que através das transições entre as manifestações artísticas, era mais fácil para realizar determinada tarefa, pois se não conseguisse utilizando uma das manifestações, poderia deslocar-se para outras, até encontrar a que ele teria mais facilidade em desenvolver o seu trabalho.

Cap 5 . Resiliência

5.1 Definições Gerais

O termo resiliência vem do latim *resilio-resilie*, que significa “saltar para trás” ou “voltar ao estado natural”. Esse conceito, historicamente, foi primeiramente utilizado pela Física e Engenharia. Um de seus precursores foi o cientista inglês Thomas Young, que em 1807, descreve a noção de módulo de elasticidade ao buscar a relação entre tensão e compressão de barras metálicas. Neste contexto, Resiliência foi utilizada para dar a noção de flexibilidade, elasticidade, ajuste às tensões. Com o tempo esse conceito ganhou outras proporções no campo da Sociologia, Psicologia, Medicina, Administração e Educação.

A palavra Resiliência apresenta diversas definições, de acordo com a área em que esta empregada, no entanto todos os significados direcionam a um mesmo entendimento, um eixo central de sua definição: a propriedade de retornar à forma original, após sofrer a uma deformação.

Nas ciências humanas esse conceito representa a capacidade do sujeito se sobressair mesmo vivendo em condições adversas, superando situações de extremo sofrimento.

Dentro da área de humanas temos alguns autores que escrevem sobre a resiliência:

Colerick (1985, In Bocalandro, 2000), cita que *"Estes traços facilitam mudanças na visão das coisas como sendo inevitáveis, desafiadoras e manejáveis"*.

Flach (1988, In Bocalandro, 2000), menciona que *"Indivíduos resilientes têm um repertório de habilidades de enfrentamento a partir do que escolheram, de acordo com a situação que se apresenta"*.

Demos (1989, In Bocalandro, 2000), acredita que *"Eles persistem em atingir metas quando a situação não é fútil; quando as situações não podem*

ser alteradas, eles chegam a um acordo com os aspectos da vida que não são controláveis".

Segundo Cicchet e Garmezy (1993, In Boccacalandro, 2000), a resiliência representa *"Características de personalidade ou recurso de enfrentamento que facilita a superação da adversidade, a sobrevivência ao stress, e a transcender perdas"*.

Begun (1993, In Boccacalandro, 2000), diz que *"Indivíduos resilientes têm sido descritos como possuindo um locus interno de controle, otimismo, significação, força de ego, auto-eficácia, confiança, perseverança, habilidade para resolver problemas e flexibilidade"*.

Costa (1995), diz acredita que a resiliência é decorrente de qualidades já presentes na essência humana, mas que precisam ser articuladas e desenvolvidas corretamente.

Celso Antunes (2003) define a resiliência como a capacidade de resistência a condições duríssimas e acredita que as pessoas, além de resistirem às adversidades, as utilizam para o seu desenvolvimento pessoal e social. Menciona que todos os organismos são dotados de alguma resiliência, sendo ela apresentadas em níveis diferentes, podendo crescer demasiadamente ou até extinguir-se e conclui que o grau de resiliência pode ser modificado pela educação.

Antunes descreve algumas características da pessoa ou organização resiliente: *"necessita ser ágil, apresentar facilidade em acolher a diversidade, contextualizar o conhecimento e sua cíclica transformação, revelar poder sistêmico e criar solidariedade, sabendo dar a volta por cima, reajustar-se rapidamente após perturbações, choques ou frustrações e, sobretudo, achar saídas. Saber explicar-se, possuir autoconfiança, sentido da efemeridade e da importância da biodiversidade, e construindo-se permanentemente realizar julgamentos éticos."* (Antunes, 2003, p.17)

Carmello (2008) diz que atualmente o conceito de resiliência tem ganhado forças, pois tem demonstrado que, mesmo diante de uma situação de

instabilidade e mudança, algumas pessoas conseguem maximizar o seu potencial, superando as circunstâncias. Ele organizou a resiliência em quatro níveis: RN1, RN2, RN3 e RN4:

- Resiliência nível 1 – pessoas que se recupera de traumas e adversidades;
- Resiliência nível 2 – pessoas se tornam mais flexíveis e consistentes;
- Resiliência nível 3 – pessoas que crescem e se fortalecem mesmo em situações adversas;
- Resiliência nível 4 – Pessoas que se antecipam a acontecimentos, produzem congruência e podem até transformar a realidade.

5.2 Relevância no Brasil

O estudo da resiliência no Brasil é recente e vêm ganhando espaço em muitos centros de pesquisas e a atenção de diversos pesquisadores. Esse é um tema bastante pesquisado, analisado e estudado no Canadá e nos Estados Unidos. Entre inúmeras pesquisas as que mais se destacam são denominadas “Vulnerable but Invincible” e “The Invulnerable Child” , que acompanharam o desenvolvimento de pessoas desde a infância até a idade adulta, analisando todos os aspectos relacionados à resiliência em todas as fases da vida de alguns sujeitos.

Um estudo desenvolvido pelo CDH-Centro de Estudos do Crescimento e Desenvolvimento do Ser Humano, que representou o Brasil por ocasião da pré-Conferencia Latino Americana, em 1993 –, denominado "Promoção da Resiliência em Crianças" buscava resultados sobre as diferentes formas de trabalho para estimular a resiliência em crianças, e concluiu que nas diferentes culturas pesquisadas foi possível encontrar três maiores fontes de manifestação da resiliência nas crianças:

- Através de seus atributos – boas condições de saúde, temperamento tranquilo, ausência de grandes perdas e separações em momentos da primeira infância,
- A partir de seu funcionamento psicológico – boa inteligência na criação de soluções para problemas, autonomia, boa auto-estima, empatia, desejo, capacidade de planejamento, senso de humor;
- Devido ao seu contexto social - maternagem adequada, respondendo as necessidades essenciais da criança, boa rede de relações informais, apoio social formal – educação, atividade organizada, ter fé.

Com isso pude perceber o quanto a Resiliência é importante para a construção do sujeito que vive em situações adversas, que lhe causam muito sofrimento, dor, falta de expectativa, como as crianças com necessidades especiais. Nessas circunstâncias a Resiliência vem para ajudar essas pessoas a encontrar no autoconhecimento o equilíbrio necessário para conseguirem transformar emoções negativas em positivas, como se não tivesse sido afetado pelas adversidades.

Como desenvolver a resiliência, através da exploração da criatividade no sujeito ?.

5. 3 Relações sobre Intuição e Resiliência

5.3.1 *Uma combinação possível*

Costa (1995) acredita que o aprendizado da resiliência ocorre através das experiências e do curso dos acontecimentos que exigem do sujeito à resistência às condições adversas.

Vicente (1996) acredita que a resiliência pode ser promovida e, através de suas pesquisas, elaborou três fatores determinantes no desenvolvimento da resiliência:

- ❖ Modelo de desafio: o sujeito consegue compreender o problema, refletir sobre as possibilidades de enfrentá-lo e estabelecer metas para resolvê-lo;
- ❖ Vínculos afetivos: quando o sujeito se sente apoiado de forma incondicional, pela família, ou por redes sociais de apoio;
- ❖ Sentido de propósito no futuro: expectativas positivas de um futuro melhor, através do estabelecimento de metas e objetivos;

O psicólogo Haim Grunspum (2005), afirma que é possível desenvolver a resiliência no sujeito, através do trabalho do Psicopedagogo no desenvolvimento da autonomia, independência, na busca de alternativas renovadas para solucionar situações, mudança de atitude, aprender a lidar com as frustrações, além do despertar da criatividade.

Estratégias que podem ser utilizadas para trabalhar essas questões, no contexto lúdico, são jogos, brincadeiras, expressão oral e artística através de desenhos, pintura, modelagem, arte, dramatização, conversas. Dessa forma o psicopedagogo estaria proporcionando uma nova forma de ver e lidar com as situações.

Pessoas resiliêntes tem um temperamento favorável à resistência, possuem melhor desenvolvimento intelectual, maior nível de autoestima, maior grau de

autocontrole, menor incidência de conflitos internos. Também possuem mais habilidade para superar adversidades, sentimento de confiança, uma “força interna” protetora e ao mesmo tempo ousada de perceber e enfrentar a realidade, sabendo unir intuição e ação, razão e sentimento, força e ternura.

Uma questão essencial da combinação entre a Intuição e a Resiliência é o quanto a intuição proporciona ao sujeito a possibilidade de poder ir além do que elas vivem, do que elas sentem, do que imaginam, e principalmente do que podem fisicamente ou socialmente, ajudando na busca de soluções para situações adversas, pois o sujeito passa a buscar o novo, almejar algo que até então lhe era impossível, sentindo-se capaz de superar as dificuldades, promovendo a Resiliência.

Essa combinação entre a resiliência e a intuição é um grande desafio para os psicopedagogos, por até então existir poucas pesquisas e artigos sobre essa relação, mas é essencial para o trabalho em instituições e consultórios com diferentes faixas-etárias e situações de vida. É uma inovação também para os atendimentos psicoterapêuticos, pois grande parte das pessoas busca consultórios por falta de condições de lidar com determinado problema.

Dessa forma, quando se trabalha com a capacidade de superar problemas utilizando a criatividade para encontrar saídas, é possível desenvolver pessoas mais fortes, pois é um trabalho de autoconhecimento e fortalecimento para lidar com as circunstâncias.

Cap 6 Reflexões sobre experiências vividas e reflexões com entrevistados

6.1- Retomada de vivências profissionais Psicopedagógicas

Durante aproximadamente sete meses realizei um trabalho em uma ONG, com crianças portadoras de necessidades especiais. Com o passar do tempo fui percebendo que o foco necessário para enriquecer o atendimento com uma das crianças era relacionado ao desenvolvimento de suas potencialidades para

que ela se sentisse mais capaz e assim, superasse suas limitações. Mas precisava encontrar um meio propício de trabalhar essa questão.

Através de pesquisas realizadas e, principalmente, pelas orientações da orientadora de estágio pude perceber que a intuição poderia me ajudar a trabalhar essa superação com esse meu cliente.

O F. era uma criança de 11 anos com problemas relacionados à fala, seqüelas de uma paralisia cerebral – tipo coreoatetóide cuja principal característica era movimentos superiores com boa função, apesar da movimentação involuntária e pés plantígrados.

No decorrer dos atendimentos vi que a memória e atenção de F. eram perceptivas, pois se apegavam nos contornos, formas cores e tamanhos, além da grande necessidade de descrição do que é visto ou sentido. Ele apresentava uma boa noção de composição visual, obtendo dificuldades, quando as partes da composição eram assimétricas, ou seja, quando precisa do suporte da imaginação.

Percebi uma significativa fixação do F. no estilo cognitivo perceptivo, mas acreditava que ele havia desenvolvido essa função de forma mais significativa para ser melhor compreendido, principalmente por conta da sua dificuldade na fala.

Através dessas conclusões, passei a ver que o trabalho de mobilização da resiliência com o F. seria extremamente rico se partisse do desenvolvimento da intuição, através do campo do sentimento como suporte para o desenvolvimento da imaginação. Com isso esperava que o F. pudesse sentir que teria possibilidades de ir além da sua condição atual, se permitindo sonhar e se sentindo mais capaz de superar suas limitações físicas e neurológicas.

Durante esse trabalho utilizei alguns recursos da Arteterapia, como:

- ❖ Pintura na água – durante uma música da Natureza, o F. jogava a tinta óleo na água, fazendo desenhos livremente, após isso colocava a folha sulfite rapidamente em cima da pintura e via como a figura ficava após o

carimbo - com o intuito de mostrar a ele que nem tudo é como queremos, gostamos ou fazemos, mas que no decorrer do processo pode haver modificações das formas e dos contornos, mas que também podem ser belos e possíveis de serem compreendidos, se utilizarmos a nossa imaginação;

- ❖ Pintura livre com música – nessa atividade ele fazia apenas pinturas no ritmo da música, sem se preocupar com as formas do desenho, expressando o que sentia através da pintura espontânea- com o relaxamento proporcionado pela música, tinha o objetivo de estimular a expressão na pintura, apenas do que sentia ou do que tinha vontade, sem outras preocupações, estimulando a imaginação;
- ❖ Escultura com arame fino – após ouvir uma história sobre um menino que superou um grande obstáculo, criando uma ferramenta importante para resolver seu problema, coloquei uma música que incentivava a ação, com batiques fortes e ritmo rápido. Propus que ele pensasse em um problema que ele gostaria de solucionar e criasse uma ferramenta para isso, utilizando o arame- com o objetivo de que ele utilizasse a imaginação para criar uma solução para determinado problema, com um material resistente que dificultaria a sua elaboração e que ele tivesse que persistir para conseguir, manifestando a resiliência.

No decorrer do trabalho com Arteterapia, entre outros, foi possível ver pequenos progressos em que o F. se permitia imaginar e criar, deixando de se preocupar tanto com a perfeição das formas e significados. O trabalho com o F. foi interrompido, devido a sua mudança de cidade, no entanto sua mãe garantiu que procuraria um profissional para dar continuidade ao trabalho.

Através dessa experiência, pude perceber que a combinação entre a Resiliência e a Intuição é extremamente rica e pode trazer grandes benefícios para as pessoas, em especial para as que apresentam alguma limitação ou dificuldade, pois a Intuição proporciona a busca de novas possibilidades, em que o sujeito percebe que é possível, através do uso da imaginação e da criatividade, encontrar soluções para superar situações adversas que antes eram impossíveis de serem solucionadas, manifestando, assim, a Resiliência.

6.2 - Relatos e Análises de Entrevistas realizadas com Profissionais da área

Vera Ferreti - pedagoga, psicóloga, psicopedagoga, arteterapeuta, mestre em Psicologia, professora e supervisora de psicopedagogia e arteterapia do Instituto Sedes Sapientiae – acredita que a Resiliência é um processo de transformação, que ocorre como consequência de todos os trabalhos de terapia, independentemente do foco dado. Pois quando alguém busca um grupo de apoio, um consultório ou ajuda de um profissional é porque está necessitando de uma transformação na vida e com isso, o trabalho terapêutico (individual ou grupal) resulta na superação de determinado problema.

Seu trabalho não é direcionado para a resiliência em si, é focado nas questões que precisam ser transformadas, auxiliando a pessoa nas mudanças necessárias para viver bem, no entanto ela sempre espera que a resiliência aconteça durante o processo terapêutico.

Ferreti acredita que a Arteterapia é facilitadora no trabalho de superação de problemas, pois propicia meios de expressão para que a pessoa possa lidar com as adversidades, além disso, ainda possibilita o desenvolvimento da imaginação e da criatividade - habilidades que andam juntas - indispensáveis nesse processo.

Ela aponta uma diferença importante entre a Arteterapia e a Arte , pois a Arteterapia necessita da Arte como subsídio, devido as suas grandes possibilidades de expressão, mas a utiliza como forma de expressão livre, sem precisar se preocupar com a técnica, beleza e estética que é indispensável no ensino da Arte.

No seu trabalho com a Arteterapia a interferência é realizada antes, para compreender o contexto da pessoa, durante, como um acompanhante do trabalho e depois, auxiliando na reflexão de sua obra. Esse trabalho de interferência é diferente com adultos e com crianças, pois os mais novos, dificilmente, contam o que acham ou o que sentem, é preciso criar artifícios

para entender o que está além da expressão, com os adultos esse processo é mais fácil devido à necessidade falar o que lhe aflige.

Com a criança o trabalho de Resiliência é mais fácil, quanto mais novo, mais rápido o processo, porque as questões dos valores estão menos estruturadas, isso depende também de como a família lida com mudanças e transformações. Já com os adultos o trabalho com essa questão é mais lento, pois eles tem os valores mais profundos, mais rígidos e menos suscetíveis a transformações.

Ferreti já realizou alguns trabalhos relacionados a Arteterapia e Resiliência, como menciona em sua tese de mestrado “Arteterapia: o cuidado com o profissional da saúde” , desenvolvendo trabalhos de expressão com funcionários de hospitais que atuam na UTI (Unidade de Terapia Intensiva).

Nesse trabalho Ferreti identificou as situações e sentimentos desses profissionais em seu cotidiano e através dos recursos da Arteterapia propiciou um espaço de troca e elaboração de conflitos e sentimentos gerados pelo estresse diante da dor e da morte.

Nas diferentes tarefas, esses profissionais foram percebendo suas possibilidades e dificuldades em desfazer os seus nós diante das situações que viviam diariamente, e ao mesmo tempo em que vivenciavam seus conflitos, aprendiam superá-los.

A partir da entrevista com Ferreti, passei a olhar a resiliência de uma forma mais ampla, percebi que a resiliência vai além da superação das adversidades, sendo, ainda, responsável pela ação de transformação por parte do sujeito diante das circunstâncias que lhe aparecem no decorrer de sua vida.

E para que a resiliência aconteça é necessário que o sujeito esteja suscetível à mudança para refletir sobre determinada situação e criar estratégias para lidar e superar esse problema.

No entanto o trabalho com a Imaginação é indispensável para que a pessoa desenvolva a sua criatividade e no momento necessário tenha artifícios para que possa criar estratégias de superação.

Nesse contexto a Arteterapia possibilita que o sujeito possa reelaborar seus conflitos, fortalecer sua auto-estima e sentir-se capaz de tomar determinadas atitudes necessárias em seu cotidiano.

Liliane Henriques, psicóloga e psicopedagoga, é integrante da ONG Integração e, juntamente com outras especialistas, realiza um trabalho psicopedagógico na AACC – Associação de Apoio a Criança com Câncer.

Esse trabalho acontece semanalmente com as crianças e adolescentes que saem de suas cidades para passar por um período de tratamento nessa instituição, acompanhados por um familiar. Durante esse período a família fica instalada em uma casa, juntamente com outras famílias que vivem a mesma situação.

A AACC ainda conta com um espaço para as crianças em tratamento vão para “estudar”, onde a equipe de psicopedagogas vai até essa instituição realizar um trabalho de desenvolvimento cognitivo, partindo das concepções de Jung sobre os estilos cognitivos – pensamento, sentimento, percepção e intuição- e das relações de Fagali com as questões da aprendizagem e de superação da doença.

Com isso o intuito da equipe é trabalhar com as crianças, utilizando diferentes formas de expressão e construção, estimulando as suas potencialidades.

Um dos recursos mais utilizados é a Arteterapia, por proporcionar uma série de ferramentas que possibilitam a expressão, manifestação, desenvolvimento da imaginação e criatividade.

Henriques menciona a importância da escolha do material para trabalhar determinadas questões, e cita os mais comuns de serem utilizados:

- ❖ materiais moles, aguados, tintas – proporcionam o trabalho com a maternagem;
- ❖ materiais resistentes, arames, tijolos – possibilitam o trabalho com a paternagem;
- ❖ Fogo, vela – trabalho com as transformações.

Ela enfatiza a importância do fogo nesse trabalho, por proporcionar a possibilidade da transformação, presente na vida deles constantemente em diferentes situações como: mudança de cidade, deixando os familiares e precisando se adaptar a outro contexto; doença, limitando-os em algumas situações e principalmente, transformando o corpo da criança, pois durante o tratamento perdem cabelo e muitas vezes amputam alguma parte do corpo.

Também relata a importância do trabalho com mitos, devido sua riqueza em símbolos, manifestando a intuição e, assim despertando na criança seu lado herói.

Nesse trabalho Liliane não tem como foco a resiliência, mas acredito que a Resiliência é fruto de todo o trabalho realizado no decorrer dos encontros, ajudando-os a lidar com as adversidades presentes em suas vidas constantemente, pois a todo momento eles estão em contato com as percas, transformações e a morte.

Diante disso, a Arteterapia possibilita a essas crianças e adolescentes, se deslocar de seu contexto de doença, dor, frustração e perda, permitindo-se experimentar realidades imaginárias, percebendo que a arte os ajuda a ir além do que seu corpo possibilita.

Também auxilia essas pessoas a lidar melhor com as circunstâncias em que vivem, tirando maior proveito de suas vivências e potencializando suas qualidades e melhorando a sua qualidade de vida.

Sandra Regina Schewinsky é Neuropsicóloga da Divisão de Medicina de Reabilitação do Hospital das Clínicas de São Paulo, trabalha com pacientes com seqüelas de traumatismo crânio-encefálico.

Ela acredita que a imaginação é fundamental para a formação da pessoa, por ser um componente indispensável para a organização e controle das experiências do sujeito.

Também menciona que a imaginação ocorre em virtude dos processos de simbolização e da possibilidade de reflexão do sujeito, pois o cérebro reage aos símbolos que são apropriados das atitudes do outro e, assim, transcorre pela imaginação e pela ação reflexiva.

No trabalho desenvolvido com esses pacientes ela utiliza diferentes meios que propiciam o desenvolvimento da imaginação, para eles possam lidar melhor com a situação atual.

No contexto de reabilitação acredito que o trabalho com o desenvolvimento da imaginação e criatividade é indispensável para que o doente encontre outros meios de conviver diante de suas novas condições, propiciando a criação de formas de diminuir o sofrimento e adquirir uma boa qualidade de vida, promovendo assim, a resiliência.

O papel da Intuição na promoção da resiliência humana é muito rico, pois através da imaginação o sujeito pode criar contextos diferentes do que convive habitualmente, ampliando a sua visão de mundo e encontrando novas possibilidades.

Elizabeth Barbosa é psicóloga e professora do SENAC, sua especialidade é a Terapia Corporal de grupo, em seu trabalho utiliza técnicas de relaxamento, além de diferentes formas de se ver e de expressar sentimentos, sensações, emoções, etc.

Nos seus atendimentos também utiliza alguns recursos da arte, pois acredita que as atividades que envolvem diferentes expressões artísticas, acompanhadas de uma reflexão sobre a criação, auxiliam muito na forma com que as pessoas passam a olhar as situações que consideravam “problemas”, pois através do sentir-se fazendo algo, passam a acreditar que são mais capazes, aumentando sua autoestima e sensação de poder.

Acredito que essa sensação de poder é de extrema importância para que o sujeito se torne resiliente, pois a partir do momento que se sente capaz de realizar ou conquistar algo, passa a acreditar mais em si, se permitindo experimentar, criar e inovar, superando suas dificuldades.

Ana Alice Francisquetti é Arteterapeuta , professora e supervisora do curso de Arteterapia do Instituto Sedes Sapientiae, fundadora, coordenadora e supervisora do setor de arte-reabilitação da Associação de Assistência à Criança Deficiente (AACD), onde trabalha com crianças e adultos há quase vinte anos.

Nesse trabalho de reabilitação, conta com ajuda de especialistas e estagiárias de Arteterapia, com o objetivo de ampliar a qualidade de vida dessas pessoas. Nesse processo, utiliza os diferentes recursos da arte para trabalhar as necessidades específicas de cada pessoa e, assim, fortalecer as suas potencialidades

Ela complementa que a importância do trabalho de fortalecimento psíquico, de maior conscientização de limites e potencialidades através dos recursos da Arteterapia, facilita o auxílio da elaboração das perdas ocorridas e reestruturação de suas vidas de uma forma global, sendo a participação da família indispensável nesse processo.

A reabilitação através da Arteterapia, para Francisquetti, tem uma visão global (físico/emocional/social/profissional/afetivo/sexual), com o foco de conscientizar o paciente a sair de uma postura passiva e assumir uma conduta participativa, readquirindo sua autoconfiança e independência, dentro de suas possibilidades atuais.

Acredito que o trabalho de Arteterapia realizado com esses pacientes possibilita a saída do contexto de sofrimento, para transitar entre diferentes lugares, experimentando novas sensações, sentimentos e emoções, aprendendo a lidar com seus medos e angústias.

Todo o trabalho direcionado as necessidades específicas do paciente, tratando da atenção, concentração e limitações, embora não tenha como foco a resiliência, proporciona o seu desenvolvimento.

Concluindo, todas as entrevistas realizadas com essas profissionais me trouxeram informações muito importantes, que me ajudaram a ampliar a concepção de resiliência, conhecer ainda mais recursos que auxiliam no desenvolvimento da imaginação e perceber a gama de opções de trabalho dentro da arteterapia.

Confirmando, através do relato de suas experiências, que a combinação entre Intuição, Resiliência e Arteterapia são extremamente ricos no trabalho com as pessoas que constantemente se deparam com problemas, sejam do cotidiano, doenças ou deficiências, independentemente do foco, essa combinação é possível e indispensável para a conquista da qualidade de vida.

Considerações Finais

Essa pesquisa foi realizada com o intuito de observar o papel da Intuição na promoção da Resiliência, desenvolvendo a imaginação e a criatividade, utilizando como recurso a Arteterapia. Essa proposta de pesquisa surgiu a partir dos atendimentos que realizei no Núcleo Assistencial da Brasilândia, durante os estágios supervisionados do curso de Psicopedagogia.

Nessa instituição tive a oportunidade de trabalhar com crianças portadoras de necessidades especiais e, diante dessa convivência percebi a necessidade delas em se tornarem resiliêntes, para que pudessem superar as múltiplas dificuldades com as quais se deparam cotidianamente.

Diante disso, encontrei nas concepções de Jung sobre os estilos cognitivos um meio de criar estratégias para trabalhar com essa questão, as supervisões foram extremamente ricas para que eu pudesse perceber o quanto a intuição poderia me ajudar nesse processo, pois possibilita a visão do que vai além das coisas, auxiliando essas crianças a não se sentirem restritas pelas suas limitações.

Busquei maiores informações sobre como despertar o imaginário, no período que estava cursando a eletiva de Arteterapia, e percebi o quanto as diferentes formas de manifestações enriqueceriam o meu trabalho.

No decorrer do processo psicopedagógico com essas crianças, fui percebendo a diferença com que elas passaram a lidar com as imensas adversidades que estavam constantemente presentes em suas vidas.

A partir disso, me animei em realizar a minha pesquisa sobre essa combinação entre Intuição e Resiliência, buscando em teorias argumentos que mostrassem que seria possível esse trabalho, embora não existissem publicações associando esses dois temas; e em entrevistas com profissionais da área de Psicopedagogia, as diferentes experiências de trabalho, independentemente do contexto das pessoas, que propiciaram essa combinação.

As entrevistas foram bastante importantes, pois complementaram o meu trabalho e enriqueceram os meus conhecimentos dentro da minha nova área de atuação. Cada profissional entrevistada tinha um foco diferente de trabalho, mas em todas as situações o objetivo final era que as pessoas que vivenciavam situações difíceis conseguissem superar, conquistando a qualidade de vida, além disso, todas costumam utilizar os recursos da Arteterapia para complementar o trabalho.

Bibliografia

- ❖ ARNHEIM, R (1904). *Intuição e Intelecto na Arte*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- ❖ ANTUNES, C. *Resiliência: a construção de uma nova pedagogia para uma escola pública de qualidade*. 3.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- ❖ ARTTE, G. A Arte à luz da Psicologia Analítica - *Revista Arteterapia, Imagens da Transformação*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 5, p.57-62, set. 1998, C. B.
- ❖ BOCCALANDRO, M. P. R.. A resiliência na abordagem holística. Boletim Clínico da Clínica Psicológica Ana Maria Poppovic, São Paulo, v. 8, p. 26-33, 2000.
- ❖ CARMELLO, E. *Resiliência*. São Paulo: Gente. 2008.
- ❖ COSTA, A. C. G.. *Resiliência- Pedagogia da presença*. São Paulo: Modus Faciend, 1995.
- ❖ DELL'AGLIO, D; KOLLER, S.; YUNES, M. (Orgs.) *Resiliência e Psicologia Positiva: Interfaces do Risco à Proteção*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.
- ❖ FAGALI, E. Q. *Múltiplas faces do aprender – novos paradigmas da pós modernidade*. São Paulo: Unidos, 2001.
- ❖ _____ (2004). Integrando Trabalhos Plásticos e Linguagens Expressivas. Em CIORNAI, S. (Org.). *Percursos em Arteterapia*, 219-254. São Paulo: Summus.

- ❖ FRANCISQUETTI, A.A . Arte Medicina. São Paulo: Livraria Médica Paulista Editora, 2005.

- ❖ _____(2007). Arte – Reabilitação: Infantil e Adulto. Em FERNANDES, A.; CASALIS, M.; RAMOS, A.; HEBERT, S. (Coord.). AACD- Medicina e Reabilitação: Princípios e Prática, São Paulo: Artes Médicas.

- ❖ FRANZ, M.; HILMAN, J. A Tipologia de Jung- A função Sentimento. SãoPaulo: Cultrix, 1995.

- ❖ GRUNSPUN, H. Educação resiliente- um longo e bom caminho a percorrer. In abceducatio, ano 6, m 42, fevereiro/05.

- ❖ JUNG, C.(1921) Tipos Psicológicos; tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

- ❖ JUNG, C. O Homem e seus símbolos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.

- ❖ KAST, V.(1988) A Imaginação como espaço de liberdade – diálogos entre o ego e o inconsciente. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

- ❖ PHILLIPINI, A. Arte-terapia e manifestações expressivas espontâneas. *Revista Arte-Terapia: Reflexões*. São Paulo, ano 3, n. 2, p. 12-15, 1997/1998.

- ❖ PHILLIPINI, A. Cartografias da coragem: Rotas em Arteterapia. Rio de Janeiro: Pomar, 2000.

- ❖ PINTO, M. (Org.). O livro de Ouro da Psicanálise. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

- ❖ PICCININI, W. História da Psiquiatria- Psiquiatras Comunistas: 1. Osório César. Psychiatry on line Brasil. Maio de 2008. Vol 13 n 5.
<http://www.polbr.med.br/ano08/wal0508.php>
- ❖ SILVEIRA, N; Frayze-Pereira, J. Imagens do inconsciente entre psicologia, arte e política. Estud. av. vol.17 nº.49 São Paulo. Sept/Dec, 2003.
- ❖ SCHEWINSKY, Sandra Regina. Reabilitação neuropsicológica da memória no traumatismo crânio-encefálico. São Paulo: Livraria Médica Paulista Editora, 2008.
- ❖ VICENTE, C. M. Resiliência- Palestra proferida no Centro de Treinamento de Recursos Humanos de Ponte Formosa. Espírito Santo: 1996.
- ❖ WILD. K.W. Intuition. Cambridge. *At the University Press*. 1938.